

Rubem  
Braga

RN 428

# Menino em Petrópolis, 1905...

AS pessoas retratadas por Alberto da Veiga Guignard têm um certo ar de família, alguma coisa que as liga — não importam côr, idade, classe. E já vi, em fila de cinema, em festinha de família, em cabaré do interior, em solenidade escolar — já vi pessoas que parecem retrato de Guignard.

Êsse ar de família só pode ser uma certa candura, uma insistente infância, alguma coisa que é Guignard e que banha numa luz especial tudo o que êle vê ou inventa. E suas flôres e suas paisagens combinam com suas figuras. Aquela cabocla retratada ali, de blusa vermelha, pode rezar naquela igrejinha que está no alto do morro em outro quadro; e, com certeza, reza. E está tão integrada na paisagem ingênua do interior que o artista, amorosa e gentilmente, acabou enfeitando sua blusa com duas palmeiras.

\* \* \*

Uma nova "Petite Galerie" abre-se em outubro no meu bairro de Ipanema, e vai começar sua vida com uma exposição de Guignard — e com a novidade boa de vender quadros a prestações, idéia sensível e feliz de José Carvalho, que tem prática do crediário da Ducal, e José Luís, que visa papagaios no Banco Nacional de Minas Gerais; sabem, ambos, que nós, os pobres, somos os melhores pagadores, não por virtude, com certeza, mas por necessidade.

\* \* \*

Guignard nasceu em Nova Friburgo (fevereiro, 1896) e foi menino para Petrópolis, onde estudou no Franco Brasileiro e morava numa daquelas casas de pé-direito alto, com varanda

e escada, gradil e portão, jardim e quintal — e um avô de longas barbas brancas, e os tios Carvalhais que vinham almoçar aos domingos, e uma certa menina de chapéu de palha com fita que o nosso menino amou em segrêdo, e sua mãe, sua irmã, seu pai, que um dia morreu ali. Foi então (tinha um avô francês) levado para a Suíça e França — morou em uma bela casa tirolesa de madeira perto de Zurique, morou no Sul da França, onde começou a estudar agronomia...

Mas o menino só gostava de desenhar. Então mandaram êle aprender desenho — mas não, meu Deus do Céu, como se aprende nessas escolas vigaristas de hoje em dia, mas aprender deveras, ali no castigo, fazer pé, fazer mão, fazer flor. E pintura, e gravura; terminou seu curso em Florença, e expôs em Veneza, na Suíça, em Paris, amou, foi feliz, foi infeliz, separou, juntou, sofreu; em 1925 estava enjoado da arte acadêmica, foi deixando seu lirismo correr sôlto, como se estivesse pintando por música.

Em 1929 veio para o Brasil, ganhou prêmios, ensinou, morou em Copacabana, em Itatiaia, redescobriu o Brasil e descobriu Minas, e contou tudo isso — a gente, as casas, as montanhas, as flôres, as igrejas, as festas de São João, na arte mais autêntica, mais simples, mais feliz que já se fêz neste país.

Um amigo encontrou-o <sup>uma vez</sup> outro dia em Ouro Preto, êle parece que tinha tomado umas e outras, disse: "Belas môças aqui, lindas môças..."

Com o mesmo lirismo puro do menino de Petrópolis, 1905.